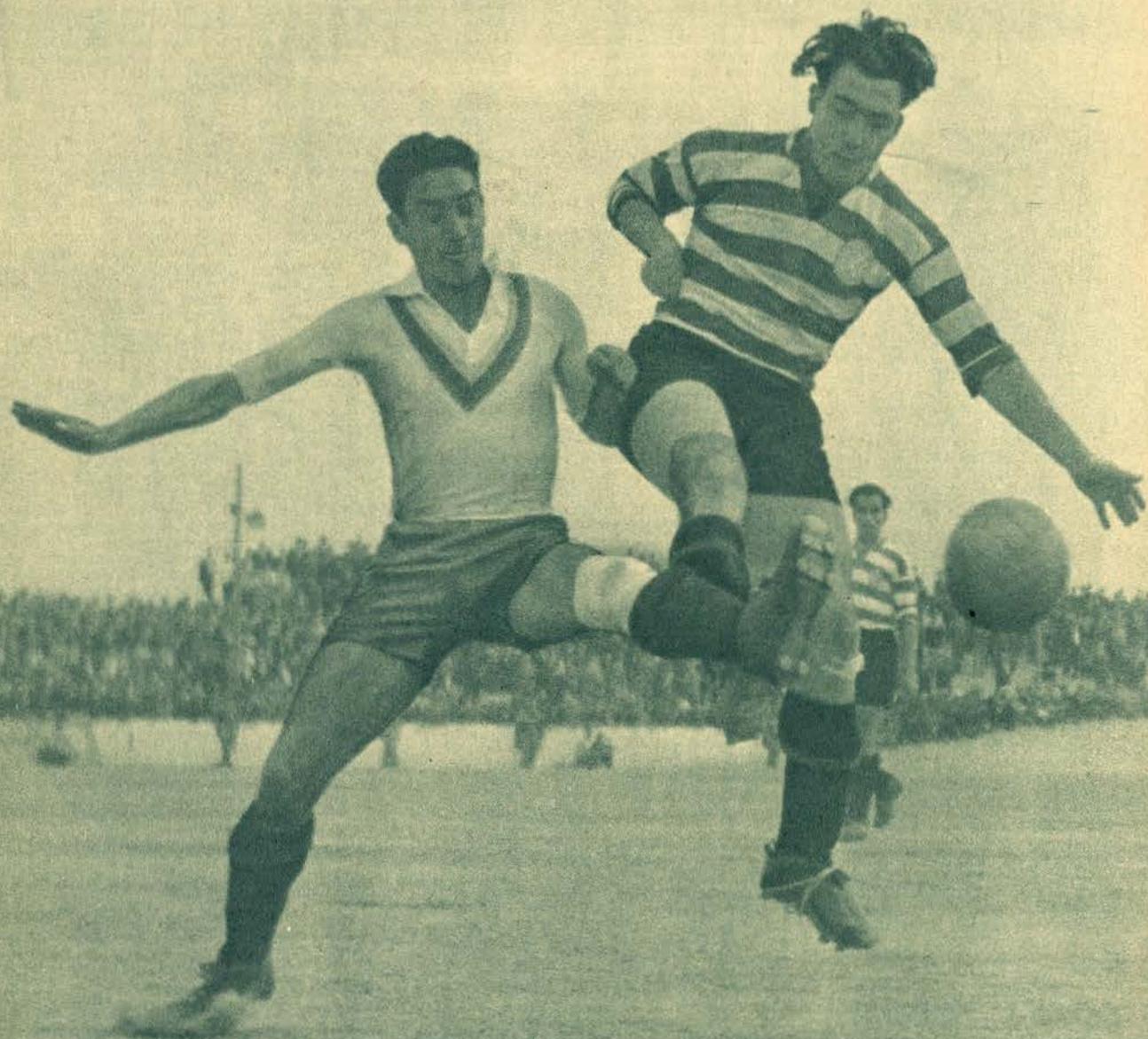


# Stadium

N.º 150 ✦ 17 DE OUTUBRO DE 1945 ✦ PREÇO 1\$50

NESTE  
NÚMERO

Nova separata da série  
de EMBLEMAS dos  
CLUBES DESPORTIVOS



**SPORTING-ATLÉTICO**

PEYROTEO vê o seu esforço  
inutilizado pela fulgurante  
entrada de Francisco Lopes

# O Atlético venceu o Sporting

## - eis a grande surpresa

### A ascensão dos mais fracos e a descida dos mais fortes

CRÓNICA DE TAVARES DA SILVA

**B**EM pode classificar-se como *jornada de surpresas* aquela que acaba de disputar-se, dando-nos jôgo e resultados verdadeiramente inesperados.

— A vitória do Atlético conquistada no próprio lar do Sporting...

— O empate da C. U. F. frente ao Belenenses...

— A vitória do Benfica, no Campo Grande, contra o Estoril, à custa de um *penalty*...

Na altura do *intervalo* estavam todos empatados: no Lamiar, 2 a 2; no Lamiar A, 0 a 0; e no Campo Grande, 1 a 1.

Tudo isto reflecte o equilíbrio das lutas. No entanto, o Sorteio acasalara as seis forças concorrentes de maneira caprichosa, apartando para um lado os três mais fortes, e para o outro os três mais fracos. Por isso, a jornada era encarada com pouco interesse. Importava apenas ver o grau de resistência do Atlético, C. U. F. e Estoril Praia. Afinal, todos os cálculos, como tanta vez sucede na bola, saíram errados. E o último domingo teve um aspecto assaz diferente daquele que se calculava.

Todos os desafios são difíceis: os que se jogam fora de casa como os que se disputam em casa; contra adversários categorizados como contra inimigos de mais baixo nível. Sendo assim, todas as cautelas são poucas, e um *team* não pode descer no terreno com a confiança própria de uma superioridade, que realmente existe, mas que pode deixar de existir. Basta um pequeno nada, um *offside* mal assinalado, uma penalidade forçada, uma lesão, para tudo se modificar. Ainda *vocação* por parte dos jogadores: Há tardes em que tudo sai bem a um grupo, e tudo sai mal a outro. Nem se sabe porquê...

Quando estão frente a frente duas forças de diferente valor, dá-se, em certas condições, um estranho fenómeno: quando um *team* vence, porventura favorecido pelo próprio adversário, que julga erradamente poder dominar o antagonista no momento que lhe apetece, há uma altura em que necessariamente o mais fraco se transformará em mais forte, e este tomou o lugar daquele. Não havendo forças humanas capazes de, naquele momento, modificarem semelhante situação. Queremos acreditar que tal fenómeno actua na jornada.

Não há dúvida que uma das causas que justificam os resultados, explicando em parte o que se passou, é o cuidado pôsto na organização das *linhas*, isto é, as modificações verificadas nos *teams*. Onde este aspecto se observa com mais intensidade é

no Atlético, em que as cortas foram baralhadas de tal modo que os tempos aparecem em posições desconhecidas. No Estoril Praia, como no grupo da C. U. F., também se nota melhor organização. Resta saber se a proeza de domingo último, a cargo dos três mais fracos, representa um esforço isolado e heróico, que não poderá prolongar-se, ou constitui a expressão prática do seu aperfeiçoamento. Quando se diz que um *team* não pode melhorar de um momento para o outro — não estamos de acordo. Não só porque a prática várias vezes tem demonstrado o contrário, mas ainda porque — quantos vezes — uma simples alteração, no fundo arramação de valores, é causa mais do que suficiente para dar a um *team* uma força e um colorido até aí desconhecidos.

Pode dizer-se da última jornada, em síntese, o seguinte: os 3 mais fortes jogaram menos que os 3 mais fracos. Magnífico, no ponto de vista de competição. Tendência para o equilíbrio de valores.

Após a 3.ª jornada, eis a classificação geral: Belenenses 7 pontos (7-3 em *goals*); Benfica 7 (9-6); Atlético 7 (9-9); Sporting 6 (6-6); Estoril 5 (7-11); e C. U. F. 4 pontos (7-10 em *goals*).

**O Estoril mostrou melhor organização que o Benfica — mas perdeu...**

No Campo Grande, com a arbitragem de Carlos Canato, os grupos alinharam:

*Benfica*: Martins, Gaspar, F. Ferreira, A. Teixeira, Moreira, Jordão, Rui, Arsénio, Feliz, M. Teixeira e Rogério.

*Estoril*: Valongo, Pereira, Elói, Nanes, Mateus, Alberto, Lourenço, Bravo, Mota, Piza e Lima.

Não é lá muito fácil caracterizar uma *partida* quando ela decorre como esta do Campo Grande, em termos confusos, à base de um futebol aos repêllos, com deficiente organização — porventura falha mais acentuada no ataque do que na defesa.

Uma coisa se pode apontar como certa; nem o Benfica nem o Estoril conseguiram domínio absoluto. Isto não quer dizer que o Benfica não tenha dominado, em certos períodos. Mas a essas fases corresponderam sempre outras em que o seu adversário, o Estoril Praia, conquistou também a vantagem territorial. Ainda com a facete, que nos campeará destacar, do Benfica jogar em *júria* contra um bloco solidamente organizado. Quere dizer: o Estoril, quando subjogado, conservou intactos os seus valores de ataque e a força suficiente para os accionar no momento

oportuno. O mesmo ao Benfica.

Por aqui se está a ver imediatamente que, em nosso entender, o Estoril Praia apresenta melhor organização, e só tal característica o elevou, aliás justamente, ao plano do seu categorizado adversário. Foi bem um *team* constituído por três células interdependentes umas das outras e verdadeiramente solidárias. Não se registaram, do lado do Estoril, vácuos ou faixas em branco de terreno, um dos aspectos que caracteriza a falta de entendimento e conjunto. Pelo contrário, o onze jogou alinhado. Para que tal se verificasse contribuiu largamente o esforço de orientação e coordenação de Mateus, um elemento em que a crítica tem a obrigação de fixar a atenção. Sem dúvida, o ataque correspondeu a esse esforço, criando amudadamente situações difíceis para o Benfica. Mas a actuação de Mateus fica como estapenda afirmativa.

Os encarnados praticaram em todo o encontro um futebol de mais fraca qualidade. Raras vezes temos visto jogar o Benfica tão mal ou tão desajeitadamente. É certo que, quando se ganha, mesmo que a causa do triunfo tenha sido um *penalty* forçado, os erros desaparecem ou perdem, pelo menos, grande parte do seu mal. Mas isso não interessa no ponto de vista de apreciação, para e simples.

Bem sabemos que o Benfica não apresentou o seu melhor. Francisco Ferreira regressou, ainda com balbido da distenção. Fizeram mal, quere-nos parecer, o jogador e o clube. Trata-se de um elemento que precisa, para jogar em grandeza, de estar em boas condições físicas. cujo estilo não se compadece com cautelas em campo. Por outro lado, sucede que distenção mal reparada se pode agravar com facilidade. Assim, deste modo, a inactividade de um valor como Francisco Ferreira pode prolongar-se, em prejuízo do futebol português. A linha da frente também se apresentou desfalcada. Nem sequer a graça harmoniosa de Espírito Santo. Todavia, mesmo com tais atenuantes, o Benfica jogou muito pouco.

Raras vezes o seu ataque realizou um avanço de conjunto, com certa beleza estética. As coisas melhoraram um pouco com a passagem de Mário Rui para o centro do terreno, mas a *fisionomia* de confusão manteve-se. Também é certo que a defesa do Estoril se colocou, em geral, bem no terreno. Daí surgir com mais clareza a carência da ofensiva encarnada.

Martins jogou bem, com alguns lances excepcionais. Gaspar, com golpes de observação e destreza. De F. Ferreira já falamos. Artur Teixeira, magnífico de entusiasmo. Moreira, um pouco perdido. Jordão, esforçado. Rui, o melhor e o mais ágil dos avançados. Arsénio, vivo e lesto, mas com o defeito de utilizar sempre o passe para o

lado; nem uma vez em profundidade. Feliz, longe de cumprir. Manuel Teixeira, com algumas coisas boas. Rogério, francamente bem na primeira parte. Valongo salvou o seu grupo em vários lances: muito bem. Elói, seguro. Pereira, mais apagado. Mateus, o melhor jogador da equipa. Nanes, longe de forma. Alberto, esforçado. Lourenço revelou *classe*; eis um bom jogador. Bravo está nitidamente inferior ao que foi. Mota deixou-nos boa impressão. Piza e Lima formaram uma aza razoável.

**O Atlético venceu o Sporting por méritos próprios**

No Lamiar, os grupos apresentaram as seguintes formações, sendo árbitro Ribeiro Sanches: *Sporting* — Azevedo, Cardoso, M. Marques, Barrosa, Veríssimo, Lourenço, Jesus, Cruz, Peyroteo, A. Marques e Albano.

*Atlético* — Correia, Baptista, F. Lopes, Galinho, J. Lopes, Moraes, Micael, Armindo, Gregório, Guedes e J. Marques.

O Atlético alterou toda a sua formação: Gregório, cujo anseio de ataque é por demais evidente, passou para a primeira linha; F. Lopes recuou, a fim de dar a Baptista a estabilidade necessária; e J. Lopes ficou no eixo do grupo, desempenhando a indispensável função de coordenação. Com estas modificações, o reanexo profano do conjunto, o Atlético conseguia a vitória sobre um Sporting que, em má tarde, se deixou surpreender. O facto é tanto mais notável quanto nos parece certo o seguinte, pelo que se deduz, aliás, de todos os comentários: não foi o Sporting que perdeu; o Atlético é que ganhou.

Realmente, tudo indica que assim seja: nem a categoria do adversário nem o resultado de 2-0 contra provocaram pânico nas hostes do Atlético. Sinal de confiança em recursos próprios. Seja qual for a carreira do clube, devemos acentuar que a actual linha, e parece impossível que só agora tenham sido tomadas medidas extremas, aparece bem mais racional do que a antiga.

O Sporting atravessa uma crise. O grupo pode ser reparado com facilidade. Mas os dirigentes dos clubes, regra geral, carecem de audácia e estão presos a ideias leitas. O conjunto ressentia-se do abaixamento de certos valores. Peyroteo lutou bravamente contra a maré em todo o encontro. Honra lhe seja.

A salientar a consolidação da defesa do Atlético, para o que contribui a aquisição de uma guarda-rédes que se está afirmando de jôgo para jôgo.

**O Belenenses podia ter ganho, mas empatou**

No Lamiar A arbitrou Abel Ferreira, e os grupos alinharam: C. U. F. — Eduino Santos, Reis, Gomes, Cartinhal, Félix, Gastão, Osvaldo, Armando Carneiro, Arnaldo Carneiro, Travassos e Tanganho. *Belenenses* — Capela, Vasco, Feliciano, Amaro, Gomes, Serafim, M. Coelho, Elói, Quarresma, José Pedro e Rafael.

A primeira parte foi toda de domínio do Belenenses. A Cal via-se remetida a um trabalho de para defesa. O jôgo decorria de tal modo que, apesar de não haver *goals*, a vitória dos azuis

(Continua na pagina 14)

## Há resposta para tudo...

P. 182 — Qual é o melhor: Espírito Santo ou Lourenço, do Pôrto?

P. 183 — Rafael ou Catolino? P. 184 — Teixeira ou Gomes da Costa?

P. 185 — No lugar de avançado-centro, Espírito Santo é melhor que Julinho? (De Bernardino Neto, benfiquista de S. Miguel das Aves).

R. 182 — Espírito Santo. R. 183 — Rafael tem dado provas seguras de ser excelente jogador. Catolino ainda não subiu à Selecção. Trata-se de dois extremos de grande valor.

R. 184 — Teixeira encarna o espírito de luta. G. da Costa tem outro estilo. Em forma, tudo depende do ponto de vista em que nos colocamos.

R. 185 — Presentemente, talvez Julinho.

P. 186 — Actualmente, qual o melhor guarda-redes portugueses? P. 187 — Qual o melhor: Jesus Correia ou Cabrita?

P. 188 — Onde veio Cardoso, o defensor direito do Sporting?

P. 189 — Actualmente qual o melhor grupo de futebol: Sporting, Benfica, Belenenses ou Estoril Praia? (De J. M. C. A., Um leão teimoso da Lousã).

R. 186 — Azevedo (o que não quer dizer que não possa ter uma tarde má).

R. 187 — J. Correia é melhor extremo, assim como Cabrita é melhor avançado-centro.

R. 188 — Cardoso veio do Vitória de Setúbal.

R. 189 — Belenenses e Sporting são os teams que estão a jogar melhor.

P. 190 — Que será feito de Júlio. Ainda está no Benfica?

P. 191 — Qual é melhor nos seus devidos lugares: Amaro ou Francisco Ferreira?

P. 192 — Qual o melhor extremo-esquerdo: Rogério ou Albano? (De um vermelho e branco de Nisa).

R. 190 — Descanse. Está realmente no Benfica. Qualquer dia jogará.

R. 191 — São muito bons, nos seus devidos lugares; tipos diferentes.

R. 192 — Rogério poderia ser melhor; pelo menos, tão bom. Mas não é.

P. 193 — Sempre é certo ter-se o Benfica pôsto de acôrdo com o Atlético para o alinhamento de Manuel da Costa neste último clube? (Um benfiquense do Barreiro).

R. 193 — O jornal do Sport Lisboa e Benfica aludiu a esta notícia, num dos seus últimos números, para a desmentir categoricamente.

## Uma vista de conjunto dos «teams» de Lisboa

O Campeonato de Futebol de Lisboa tem grande força de atracção. A força que deriva do valor dos seus concorrentes, da importância dos seus clubes, da grandeza das assistências. É certo que outras competições regionais são observadas com interesse. No Pôrto, a derrota do eterno campeão veio dar singular brilho ao torneio. O mesmo em Coimbra, com a vitória volumosa do União Futebol Coimbra Clube, o velho rival da Académica. Em Setúbal, como em Braga, há vários teams que disputam o primado. No Algarve, apesar da evidente superioridade do Olhanense, registam-se vibrações e curiosidade. Em Aveiro, a luta apresenta-se magnífica, dado o nivelamento de alguns valores. O certo é que, mesmo pelo que respeita a outros distritos, o adepto não deixa de ler e de seguir o movimento da tabela. Quere-nos parecer que isto é já um êxito da Província, cujos campeonatos, dum modo geral, passavam despercebidos em tempos do passado. No entanto, Lisboa domina a atenção de todo o país. É o campeonato mais em foco.

Está a jogar-se bem ou mal, esta época? Parece-nos que a fisionomia é a mesma do ano passado. O futebol lisboeta apresenta acentuada característica de conjunto. Enquanto que em Espanha se continua a cultivar o fenómeno, entre nós tudo se passa nos limites exactos dos quadros do futebol. Semelhante orientação não deixa de apresentar defeitos, mas as qualidades são em maior número. Julgamos que não fica mal, mesmo dentro dum sistema de marcação, dar-se ao jogador certa liberdade de movimentos. Quando se diz que o futebol está a perder a alegria, faz-se uma observação que tem fundamento. Mas a culpa não nos parece que esteja no sistema, mas na compreensão do jogador. Quando se dá a um médio, por exemplo, uma determinada tarefa, não quer dizer que ele esteja amarrado exclusivamente a essa função, ficando sem quaisquer facilidades de iniciativa. A maneira como joga Francisco Ferreira prova, precisamente, o contrário. Mas não há dúvida que não poderá pôr-se hoje de lado, sem graves riscos, a disciplina de jôgo.

Já me estava a desviar, sem querer, do caminho traçado. Entendo que não há motivo para grandes alarmes. Avaliando pelos encontros de maior representação, e entrando em linha de conta com a circunstância de estarmos no início da época, e ainda da temperatura não favorecer o movimento do futebol, é fora de dúvida que podemos anotar, nesta altura, algumas imagens belas de jôgo,

plenas de graça e harmonia e miúdas de consciência técnica. Dá-se ainda a circunstância dos teams serem susceptíveis de melhoria, não só pelo concurso de elementos que por via de lesão ou outras razões, estão afastados dos campos, mas também pelo natural apuramento de forma. É no jôgo que se melhora o jôgo.

O Belenenses está a praticar um futebol de qualidade. A sua atlética defesa, quando possuidora da necessária ligação, constituirá grande estôrvo para qualquer linha dianteira. A formação média joga mais na toada de defesa, mas o valor da linha avançada supre essa deficiência, estando Quaresma no comando do ataque. Por outro lado, quando Amaro entrar no terreno, as coisas modificam-se um pouco para melhor.

Segue-se o Sporting, o team de mais experiência. Os grupos, constituídos por gente já muito calejada, são dificilmente batidos. Se há teams em que todos saibam o que devem fazer, os leões são um deles. Refôrço de Armando Ferreira considerável. Lastimo que a linha medular continue a não corresponder às exigências do grupo, visto Veríssimo, com evidente habilidade, não ter preparação física para um desafio inteiro. É de pôr, ainda, em relevo o facto do Sporting contar com valores que, em lances pessoais, são capazes de conquistarem vitórias.

O Benfica sofreu um forte abalo na sua estrutura por causa da lesão de Francisco Ferreira, mais remota que a de Joaquim Teixeira, e pelo afastamento, certamente temporário, de Julinho. Mas conserva inalteráveis as suas qualidades de luta e brio. Trio defensivo sólido, dada a magnífica recuperação de Gaspar. Linha média um pouco enfraquecida; ataque cheio de destreza e velocidade. Quando as forças do Benfica se desencadeiam harmoniosamente — encanta vê-lo jogar, pois até os jogadores mais fracos ganham num repente uma categoria de que não os julgávamos capazes.

O Estoril Praia parece ter-se desorganizado um pouco. Ao facto não deve ser estranha a actuação de António Nunes, o médio-centro que regressou depois de longa ausência, sendo desculpáveis seus desacertos. É team que pode melhorar. Por certo o conseguirá.

O Atlético sofre as consequências do abaixamento da linha medular, pois o futebol é uma máquina em que todas as peças jogam umas com as outras. Tem forças e qualidades para subir em jôgo. O onze da Cuf dá-nos boa impressão de conjunto, carecendo de valores individuais.

Eis os concorrentes que estão

## CONTA-GOTAS

O calendário do Campeonato de Lisboa está a cumprir o seu dever. Depois de dois domingos em cheio, tivemos uma tarde mais serena.

Os campeonatos são curiosos, além de muitas coisas, pelo seguinte:

Os adeptos estão a ver um desafio e a pensar já nos perigos que vão correr no próximo desafio!

Há que distinguir entre adeptos do futebol e adeptos dos clubes. Aquêles são em número escasso; êstes em número elevado.

Todos conhecemos esta espécie de adeptos:

Eu não vou ver o jôgo de bola; vou apenas ver jogar o Benfica.

Quem diz Benfica, diz Sporting, Belenenses, etc.

A principal reacção de um associado que está a ver o seu clube jogar resulta dêle julgar que o seu clube se encontra sózinho em campo.

Há também uma camada de homens dedicados aos clubes vulgarmente designados por simpatizantes.

A designação é oficial. Lê-se nos anúncios dos clubes:

Está aberta a inscrição para os sócios ou simpatizantes do clube que desejam praticar futebol.

No futebol, todos os vaticínios são possíveis.

Acêrcia do campeonato que está a decorrer, três clubes estão com a ideia do título, dois convencidos de que se apoderam do 4.º lugar, e um dos concorrentes seguro de que não ficará no último posto.

A força da competição é de tal modo estranha que a todo o momento se aguarda o milagre!

Tôdas as opiniões são possíveis, em futebol. Eu digo que um certo jogador esteve bem; logo outra pessoa afirma o contrário, e assim sucessivamente. Afirimo que a arbitragem foi má; imediatamente aparece quem a julgue boa, e assim sucessivamente. Quere dizer; atingiu-se a perfeição no futebol.

A maior parte das pessoas que assistem ao futebol conhecem as Regras de ouvido. É evidente que esse conhecimento é imperfeito. Todavia, todos se consideram sábios na matéria. No fundo, gostaríamos que as Regras só se applicassem ao adversário.

lançados na competição lisboeta, que oferece os seguintes pontos capitais: apuramento do campeão; apuramento de quatro teams para a prova máxima; questão dramática do último posto.

# O fiasco do combate Guedes-Arciniega e a excelente vitória de Jorge Larsen

Crónica de RAFAEL BARRADAS

**N**A noite de sábado saímos da Praça de Touros do Campo Pequeno sob o péso da mais amarga desillusão. Parecia-nos inadmissível a ino-  
lência, após tanta e porfiada luta para incutir bons hábitos aos pro-  
fissionais das coisas do boxe, de se haver consertado antecipa-  
mente o combate Guedes-Arciniega. E, no entanto, sem a menor sombra  
de dúvida, deve ter sucedido assim!

Tôda a gente, excepto o árbitro, viu a passividade incrível e indecorosa  
do pugilista estrangeiro. A partir do quarto assalto tor-  
nou-se tão clara essa passividade que o Delegado da Di-  
recção Geral de Desportos quis intervir.

Depois, reconsiderou. A opinião pública tem-se mani-  
festado, pela pena de jornalista, contra a intromissão do  
referido Delegado, pondo o árbitro num plano de tal intan-  
gibilidade que bom seria deixar a êsse mesmo árbitro a  
responsabilidade total e completa do que sucedesse no re-  
cinto do combate.

De tal processo não adveio benefício — nem para o público  
nem para o desporto. Serviu às mil maravilhas para justi-  
ficar plena, completa e absolutamente a vantagem de exis-  
tir alguém com poderes para



Clavari entra com a esquerda ao estômago de Larsen



Arciniega entra com a esquerda sem êxito

—lhe no queixo e derruba-o. O timbre salva-o prontamente. No 4.º assalto e seguintes vimos Arciniega encaixar estolicamente alguns sócos na cara, sangrar, menear a cabeça em tom de lâstima e... comer a cabeça ao público! A diferença de pesos, embora sensível, não era excessiva. A larga ausência do quadrangulo incluiu muito mais no modo de actuar do português, tanto assim que êsses quilos de diferença correspondiam ao tecido adiposo do espanhol.

O melhor combate da noite foi o de Larsen com Clavari. Neste caso há a atender, igualmente, aos três anos de repouso forçado do italiano. Três anos de *estaleiro* é demasiado, chegando para enferrujar...

Bateram-se ambos muito bem. Larsen foi valente e pun-donoroso, apesar de ferido, mostrando maior poder. Até ao fim do 7.º assalto a vanta-



Guedes esquiva um perigoso golpe de Arciniega

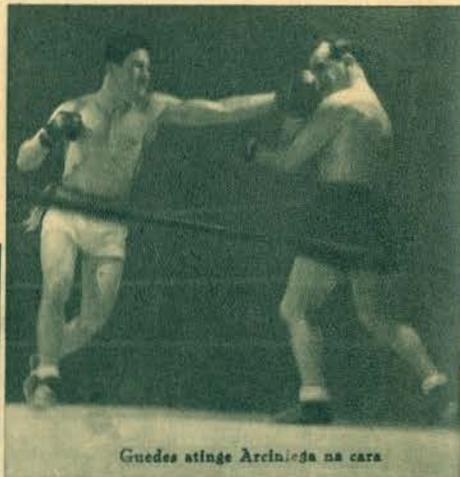


Wilson lança um golpe da esquerda ao coração de R. Oliveira

futebol, mas no boxe é possível — nos quatro cantos da Terra.

A opinião pública que diga sem re-  
buço o que preferir. Ao menos, servirá para orientar a conduta do Delegado, dando-lhe apolo moral — ou retirando-lho em absoluto.

Falemos agora dos combates. Guedes, depois de um ano de ausência do *cring*, reapareceu pouco vigoroso, esgrimindo mal e desconfiado de si-próprio. Vencedor de Arciniega, nada lucrou, antes perdeu em reputação. Dominando o 1.º assalto pelo emprêgo da punho esquerdo, encaixou um golpe rijo na cabeça, expondo-a de continuo. No 2.º meteu a esquerda e ensaiou alguns golpes com a direita, sem êxito. No 3.º é ferido no sobrolho esquerdo e acusa alguns toques. Um sopapo da direita de Arciniega toca-



Guedes atinge Arciniega na cara

defender os interesses do público e da ética desportiva, um autêntico juiz acima de quaisquer paixões ou benefícios.

A ideia que o futebol e outros desportos colectivos trouxeram acerca da figura do árbitro em *questões de facto*, tem o seu quê de razoável. Mas no futebol as trapaças são quasi impossíveis e daí o seu papel resumir-se à ordenação de pontapés livres, penalidades máximas e interpretação de outros incidentes e prome-nores do desafio.

No boxe há circunstâncias de carácter subjectivo, que é necessário avallar e julgar além das questões de facto. Uma delas podemos defini-la assim:

«Quando se torna patente e flagrante a falta de sinceridade num combate e o árbitro não compreende o facto ou está de acôrdo com êle, deverá haver intervenção do delegado ao espectáculo ou as coisas têm de seguir até final?»

Não nos consta que isto suceda em

gem do campeão português era escassa. Depois atacou a fundo e dominou bem, tendo abalado com um murro forte e bem aplicado o seu antagonista, ao 9.º round.

Carlos Wilson pôs *knockout*, ao 5.º assalto, Raul de Oliveira, que fez um combate sem inteligência nem cuidado.

A abrir, Kid dos Santos derrotou João Teixeira por pontos. Combate de principiantes (um dos quais já usado...) e sem qualquer brilho.

A



A fotografia  
é o fiel reflexo

das atitudes atléticas e serve para anotar defeitos e virtudes

# Corrija o seu ESTILO

B



A perna de chamada vai começar a agir, lançada para a esquerda em ângulo recto com a outra; a ponta do pé (11), já está voltada para a esquerda e a contração muscular da coxa é visível. Corresponde ao começo da abertura do golpe de tesoura, que vamos encontrar em (D) já em plena execução.

A perna de chamada (12) subiu sempre estendida e paralela à barra, ao mesmo tempo que a companheira (13) foi projectada em sentido oposto e com avanço do pé por sobre a barra;

este duplo lançamento antagónico dos membros inferiores, completado pela rotação interna da perna direita, como se verifica pela posição cada vez mais horizontal do eixo do pé respectivo (descida interior da

105 — Ernesto Pons, campeão ibérico.

O vencedor do salto em altura no último Portugal-Espanha é um estilista perfeito — mas de um estilo que infelizmente a evolução progressiva dos métodos atléticos já relegou para plano de antiguidade insuficiente. Ernesto Pons encontra-se, portanto, ante o dilema da obrigação de mudar o seu estilo (perdendo o fruto do trabalho de muitos anos), se quiser aproveitar todos os seus excepcionais recursos de saltador.

Propus-me estudar com minúcia o salto com golpe de tesoura horizontal e viragem interior do campeão espanhol, e realizei o meu intento graças à boa cooperação dos fotógrafos desta revista, que me forneceram todos os elementos necessários.

A primeira imagem (A) elucida-nos sobre a forma de execução da chamada: a perna em apoio (1), cujo calcanhar já começou a descolar, ainda não está completamente estendida, prova de conjugação impulsiva nos dois sectores articulares, joelho e tornozelo. A posição do tronco (2), inclinado ligeiramente sobre a perna em apoio e também um pouco à rectaguarda, é um pormenor importante, que está ligado à necessidade de oscilação da perna livre em completa extensão.

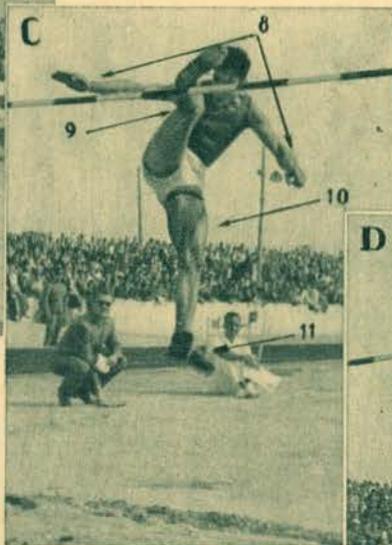
Neste particular, a imagem é nítida: a perna direita (3), oscilou e subiu em extensão completa do joelho, no máximo de comprimento da alavanca, para imprimir o máximo impulso.

Os braços (4), vêm ambos à frente, mas exercem maior acção de equilíbrio do que de tracção do tronco.

Em B, continuou a subida da perna livre (5), sempre estendida e em plano perpendicular à barra, e os braços (6) avançaram mais, para trazer o tronco adiante, no propósito de avançar também o plano do centro de gravidade. Repare-se na perna de chamada (7), que prossegue pendendo e em relaxamento muscular. O grande ângulo de afastamento entre as duas pernas é prova de cuidada preparação muscular.

Na imagem seguinte (C), o saltador esboça o início da manobra de passagem. Em relação à anterior, os braços afastam-se para os lados e para trás (8), abrindo o ângulo do tronco com a perna livre (9), a qual vai seguir por cima da barra rodando para dentro (ver a posição da ponta do pé e comparar com B) e promover assim a rotação da anca e a horizontalização do corpo.

C



D



E



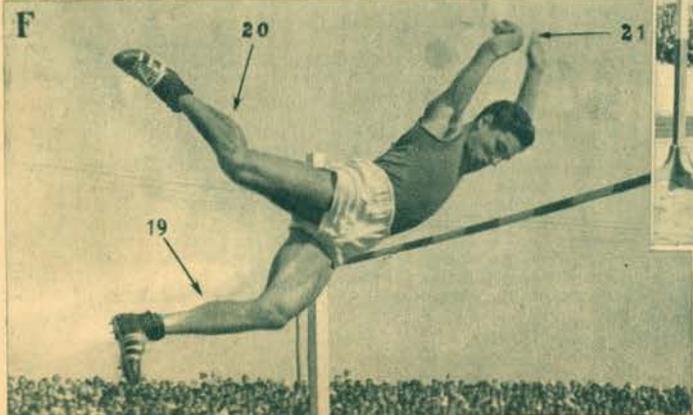
extremidade digital), tem como consequência a subida da bacia em relação ao tronco (14), e a correspondente progressiva horizontalização do corpo do saltador.

Na fotografia (E) está o certificado da perfeição de estilo do campeão ibérico: a projecção para trás e rotação interna da perna direita (15), e o lançamento em ângulo recto da perna esquerda (16), fizeram subir a bacia (17) mais alto do que a cabeça e colocaram praticamente todo o corpo em plano horizontal. O braço esquerdo (18), atrado para cima e para trás, contribuiu para virar o tronco de face abaixo.

O saltador completou a viragem, fechando a tesoura, e em (F) desce para terra, depois de transposta a barra. A perna de chamada (19), foi atrada para trás, passando sob a outra, que auxiliou a esquerda da bacia, acompanhando-a na fase final com um movimento de extensão à rectaguarda. Os braços (21) elevaram-se com força acima da cabeça, para evitar um possível toque e derrube da barra.

SALAZAR CARREIRA

F



# OS ATLETAS PORTUGUESES

provaram em 1945 notáveis progressos que os números tornam mais evidentes

Comentários pelo Dr. SALAZAR CARREIRA

**P**ARA formar juízo exacto do significado da época de 1945 na evolução do atletismo português, é necessário reunir, num gráfico singelo mas impressivo, todos os elementos que melhor permitam analisar em conjunto os resultados da acção anual dos nossos valores representativos durante os 24 anos de actividade da presente organização federativa.

Foi neste propósito que elaborámos o gráfico que acompanha a nossa crónica e no qual estão traçadas as linhas referentes à evolução da equivalência em pontos filandeses da média dos três melhores resultados nacionais, desde 1922 a 1945, nas 9 distâncias de corridas, nos 4 saltos, nos 4 lançamentos do programa oficial de sêniores, e, ainda, no conjunto das 17 provas.

O traçado da média geral, que é de todos o mais importante e significativo, mostra-nos uma ascensão regular desde 1923, mais acentuada nos primeiros anos, até 1929 (média de 19 pontos), mas sempre regular e com pequenas oscilações até 1940 (média de 6 pontos durante este segundo período de onze anos, dos quais o último foi o mais notável, com uma subida de 33 pontos). Vem em seguida uma quebra brusca, que dura três anos, de 1941 a 1943, e relega a equivalência de pontuação ao nível de 1935 (baixa de 52 pontos). Finalmente, nas duas últimas épocas, o progresso intensifica-se, recupera todo o perdido logo na primeira (51 pontos) e atinge na seguinte — esta que acabou agora — o seu máximo destacado.

É curioso observar que a diferença da média geral entre 1940 (início da crise) e 1945, é de 31 pontos, o que corresponde à média anual de 6 pontos, a mesma dos anos anteriores de ascensão regular. Pode, portanto, dizer-se que nos dois últimos anos o atletismo português compensou os prejuízos que lhe trouxeram as obrigações do período de guerra e restabeleceu o seu melhor ritmo normal de progresso.

Os gráficos assinalam, ainda, que o nosso valor em corridas tem sido sempre superior à média geral, ao contrário dos lançamentos, enquanto os saltadores são aqueles que mais de perto acompanham a pontuação média. Mais se verifica que o progresso tem sido total, nas três especialidades, mas com fraca tendência para o nivelamento, pois a diferença que separa hoje corredores e lançadores é quasi a mesma de há vinte anos.

Examinando depois os valores da média dos três melhores em cada uma das 17 provas, encontramos a maior equivalência nos 100 metros (872 p.), seguindo-se os 5.000 m. (809 p.), 200 m. (803 p.), 800 m. e salto em comprimento (797 p.). A corrida mais fraca é

dos 1500 m. (737 p.), a média das barreiras é inferior à de todas as outras corridas planas, e o melhor lançamento é o do martelo, com 712 p. de média.

A nossa maior inferioridade encontra-se, como todos sabem, nos lançadores do dardo, cuja média fica em 518 p., seguindo-se-lhes os lançadores do peso e os saltadores à vara.

Como certificado abonatório do trabalho porfiado desta época, ficam, nos anais do atletismo português, novos «records» em 12 provas individuais e 10 provas de estafeta, dos quais 4 foram melhorados por duas vezes, e ainda mais quatro antigas marcas nacionais igualadas.

Eis a lista triunfal.  
**Marcas igualadas:** 150 m. júniores, Camões (Sporting) 16,9 s., em 9 de Junho; 200 m.: Sampaio Peixoto (Académico) 22,2 s., em 1 de Julho; 110 m. barreiras: F. Ferreira (Benfica), 15,7 s., em 29 de Julho; 3x100 m.: Sporting (Camões, Nuncio, Lourenço), 33,2 s.,

em 1 de Julho (esta marca foi posteriormente melhorada).

**Novas marcas:** 300 m.: S. Peixoto (Ac.), 36,1 s., em 8 de Julho; 400 m.: S. Peixoto (Ac.), 50,8 s., em 16 de Setembro; 800 m.: Fr.º Bastos (S), 1 m. 57,5 s., em 15 de Setembro; 1000 m.: Fr.º Bastos (S), 2 m. 37,7 s., em 26 de Agosto; 2000 m.: Fr.º Bastos (S), 5 m. 47,6 s., em 22 de Julho; 1 milha: João Silva (B), 4 m. 36,3 s., em 8 de Setembro; Meia hora: João Silva (B), 9214,75 m., em 8 de Agosto; 10000: João Silva (B), 32 m. 15,8 s., em 8 de Julho; Barreiras, 200 m.: E. Eleutério (B), 26,8 s., em 15 de Julho.

**Salto em comprimento:** Alvaro Dias (S), 6,99 m., em 14 de Junho, e 7,09 m., em 28 de Julho; Triplo-salto: Luis Alcide (B), 14,50 m., em 16 de Setembro.

**Martelo:** Manuel da Silva (S), 48,41 m., em 16 de Setembro.

**Estafetas:** 3x100 m.: Benfica (Paquete, Eleutério, Raposo), 22,6 s., em 12 de Agosto; 4x100 m.: Benfica (os mesmos e Ferreira) 43,7 s., em 28 de Julho; 4x200 m.: Sporting (Lourenço, Dias, Jacinto, Nuncio), 1 m. 33,4 s., em 19 de Agosto; 3x400 m.: Sporting (Bastos, Vicente, Dias), 2 m. 38,9 s. em 5 de Agosto; 4x400 m.: Sporting (Jacinto e os três precedentes), 3 m. 32,9 s., em 24 de Junho. Equipa nacional (Vicente, Lourenço, Jacinto e Matos Fernandes), 3 m. 32 s., em 26 de Agosto; Equipa nacional (Jacinto, Vicente, Sampaio Peixoto, Matos Fernandes), 3 m. 28,8 s., em 16 de Setembro; 4x1000 m.: Sporting (H. Bastos, Afonso Marques, Vicente, F. Bastos), 11 m. 7,8 s., em 15 de Julho; Est.ª Sueca: Sporting (Dias, Jacinto, Nuncio, Lourenço), 2 m. 7,3 s., em 11 de Julho; Benfica (Matos Fernandes, Eleutério, Raposo, Paquete), 2 m. 4,8 s., em 8 de Agosto; Est.ª Olímpica: Sporting (F. Bastos, A. Dias, Nuncio, Abrunhosa), 3 m. 35 s., em 27 de Junho; Sporting (F. Bastos, Jacinto, Nuncio, Lourenço), 3 m. 31,8 s., em 2 de Agosto; 10x100 m.: Sporting (J. Vieira, Jacinto, Alvaro e Artur Dias, Camões, Vicente, Abrunhosa, Mendes, Nuncio, Lourenço), 1 m. 54,2 s., em 11 de Julho; 10x200 m.: Sporting (M. Campos, Alvaro e Artur Dias, Nuncio, Araújo, Camões, Lourenço, Jacinto, Vicente, F. Bastos), 3 m. 58,6 s., em 15 de Julho.

## WATER-POLO

# A Federação de Natação e o novo torneio de "water-polo"

**STADIUM** é das poucas publicações em que se tem batilhado com entusiasmo pelo ressurgimento do «water-polo». Ainda na semana passada voltámos ao assunto, com um artigo de flagrante actualidade. Sabemos que não é problema fácil organizar qualquer torneio nesta excelente, emotiva e espectacular modalidade desportiva. Mas nem por isso se deve desanimar. É preciso que o «water-polo» deixe de ser um desporto voltado ao ostracismo. As recentes exhibições feitas no Portugal-Espanha vieram pôr novamente em foco essa necessidade. Não se compreende que não se pratique em Portugal um desporto de larga expansão no estrangeiro.

Em 1944, contribuímos directamente para a realização de um torneio de propaganda, oferecendo para ele os respectivos prémios. O torneio fez-se realmente. Por causa das condições de inscrição, ou por qualquer outro motivo, não se registou o êxito que a iniciativa merecia. Entendemos, porém, que devia repetir-se a tentativa. É perseverando que as ideias triunfam. Este ano, volta a Federação de

Natação a tentar um torneio de «water-polo». As condições de inscrição são outras. São mais amplas. Não há restrições de jogadores em determinada categoria, nem fixação de categorias. Podem concorrer todos os clubes — e todos os jogadores. E cada clube, neste caso o Alçgés, só poderá inscrever duas equipas. O torneio será disputado a eliminar. É possível que tenha começado no domingo. E é possível que se limite a um só domingo. Tudo depende do número de inscrições.

No momento em que temos de escrever, não sabemos quantas inscrições se registaram. Não podemos, por isso, fazer previsões sobre o êxito da nova tentativa. Limitamo-nos, assim, a marcar a nossa posição — uma atitude de franca simpatia. Aplaudimos a iniciativa. E se soubéssemos há mais tempo do que se tentava fazer, teríamos dispensado à ideia, espontaneamente, o auxílio de uma propaganda desinteressada. Tudo quanto se fizer a favor do ressurgimento do «water-polo» encontrará, na Stadium, o melhor aplauso e o mais decidido apoio.

## DESPORTIVO «A ILUMINANTE»

Sob a direcção do professor Carlos Dlegues, estão já em funcionamento as classes de ginástica do Desportivo «A Iluminante».

Também dentro do programa delineado para a expansão no clube de diversos modalidades desportivas, a secção de atletismo promove no próximo dia 25 o primeiro torneio inter-sócios, que se efectue no campo do Benfica.

# VITÓRIAS INESQUECÍVEIS DO HIPISMO NACIONAL

Um dos desportos para nós de mais nobres tradições é, sem dúvida, o hipismo, mercê da actuação notável dos nossos cavaleiros—tanto no país, onde alcançaram magníficos triunfos, como no estrangeiro, onde conseguiram marcar excelente posição em lutas com os mais fortes cavaleiros do mundo.

Sendo o hipismo nacional um desporto de tradições, é rico em vitórias emocionantes, arrancadas muitas vezes com dificuldade, mas pondo sempre em relevo o valor do nosso concorrente.

De resto, a dificuldade de certos triunfos é prova mais do que evidente da aspereza da luta, quasi sempre travada com fortes equipas estrangeiras, que possuem as vantagens que derivam do maior treino e de possuírem melhores cavalos de concurso.

Algumas dessas vitórias são, pelo seu brilhantismo e pela emoção com que foram conseguidas, consideradas já inesquecíveis e fazem parte do numeroso grupo de triunfos que levou além fronteiras o valor da cavalaria portuguesa.

Como seria impossível mencioná-las uma a uma, tantas elas são, falaremos agora de três daquelas que o tempo não conseguirá fazer desaparecer e que

serão sempre lembradas com emotivo entusiasmo.

Foram escolhidas ao acaso, arrancadas sem esforço da nossa memória, e recordadas como que ouvindo ainda os fortes aplausos com que o público as soube premiar.

A primeira alcançou-a, há 14 anos, o capitão Hélder Martins, no decorrer do Concurso Hípico Internacional de Lisboa de 1931, ao qual concorreram duas fortes equipas estrangeiras.

Tarde de sol, tarde de «Grande Prémio», uma prova sempre dura, sempre emocionante. O percurso estava difícil, formado por obstáculos grandes e largos, com dapsos e tripos de respeito. Espanhóis, franceses e portugueses lutavam com ardor para a posse do agradável prémio.

Os espanhóis levam a bandeira do seu país ao mastro de honra, depois de um percurso brilhante, mas pouco tempo lá se conservou, porque uma prova rapidíssima e sem lutas de um dos componentes da equipa francesa

fêz subir ali a bandeira da França.

Os nossos «ases» entram na pista com a preocupação do prémio e o desejo ardente de uma vitória estrondosa. O nervosismo e a dificuldade da prova afastam-nos, um a um, da possibilidade de um êxito para as côres portuguesas—e o público, que segue o desenrolar da contenda, está já desanimado.

Falta apenas um concorrente — o capitão Hélder Martins, que

magnífico tempo conseguido pela «Egalité».

O cavaleiro soube, contudo, aproveitar-lhe as qualidades de bom saltador, entrando «de caras» a certos obstáculos e dando as voltas rente às bandeiras. A assistência estava suspensa da prova do brilhante concorrente e quando o percurso terminou o «Magal» batera por 5 segundos o seu valoroso adversário, levando a bandeira de Portugal



Capitães Hélder Martins, Correia Barrento e José Carvalhosa

## DUAS NOTAS POR SEMANA

### EM PORTUGAL

*Por decisão de quem de direito, deixou de ocupar o seu cargo na Comissão Administrativa da*

*Federação Portuguesa de Futebol o dr. Vergílio Paula.*

*No momento em que termina a prestação de serviços ao futebol nacional do dirigente que durante maior número de anos consecutivos se manteve, com anuência e apoio gerais, no mais alto organismo da modalidade, e de justiça reconhecer aqueles serviços e prestar homenagem à competência, à honestidade e à actividade organizadora do ex-secretário geral da F. P. F., organismo onde ingressara nas funções de tesoureiro.*

*Trabalhador infatigável, o dr. Vergílio Paula consagrou aos negócios federalivos uma assistência permanente, com sacrifício dos seus próprios interesses profissionais, e deixa o seu nome ligado a empreendimentos importantes e reformas notáveis.*

*Ao cabo de tão longa campanha dirigente, na mais exaustiva missão em meio ingrato e difícil, o dr. Vergílio Paula cede o seu posto por determinação superior — mas deixa atrás de si uma obra que o tempo não conseguirá apagar.*

*A vida é assim, em tudo. Eterno rolar avassalador, que leva na frente homens, idéias, paixões, deixando para trás sumidas reminiscências, que só mais tarde a análise retrospectiva, de quem não haja sofrido os conflitos da época, fará reviver no seu exacto significado.*

### NO ESTRANGEIRO

*Faleceu em Madrid, no passado dia 5, das conseqüências de um tumor cerebral, o jornalista desportivo Manuel Fernandez Cuesta, director do conhecido diário «Marcas».*

*Surpreendeu-nos dolorosamente esta notícia, para nós completamente inesperada, pois ignorávamos a existência de mal tão grave, apesar dos seus sintomas já há bastante tempo se haverem afirmado de maneira que não podiam permitir ilusões, nem ao espírito esclarecido do próprio ilustre jornalista, que era médico reputado.*

*Fernandez Cuesta, que consagrava ao seu jornal a integridade dos seus notáveis recursos de inteligência, de iniciativa e de trabalho, sacrificou-lhe, numa devoção impressionante de sacrifício, a saúde e talvez a própria vida. Desportista de alma e coragem, caíu no seu posto, ofertando pelos seus ideais até ao último alento de energia.*

*O malogrado jornalista, que desaparece prematuramente, era um sincero, um entusiasta partidário da intensificação de relações desportivas luso-espanholas e os acontecimentos nacionais eram sempre acompanhados e relatados com interesse no seu jornal.*

*A morte de Fernandez Cuesta põe de luto todo o desporto espanhol — e é profundamente sentida por quantos portugueses com ele haviam convivido e podido apreciar a elevação do seu carácter e a clareza do seu trato.*

monta o «Belin», um cavalo em que há poucas esperanças...

Galope pouco rápido de começo. No entanto, os obstáculos vão sendo transportados um a um e, à medida que o percurso é coberto, o capitão Hélder Martins explora a boa disposição do cavalo, aumentando a velocidade e aproveitando bem o terreno nas viragens.

O silêncio é impressionante. Ouve-se no extremo do campo a respiração olegante do «Belin», que passa limpo o último obstáculo! A prova não enganara. Quando a bandeira francesa começou a descer para dar lugar à de Portugal, já a assistência, de pé, aclamava o vencedor.

A segunda vitória que recordamos conseguia-a o capitão Correia Barrento no «Magal», na «Caça» do Concurso de Lisboa de 1943. Inscritos oitenta e oito cavalos — e entre estes todos os da fortíssima equipa espanhola que então nos visitou.

Nesta prova, como se sabe, as lutas são transformadas em tempo. «Gracense», com Marcelino Gavillan, com um percurso limpo, leva a bandeira vermelhinho-ouro ao mastro de honra, enquanto «Egalité», com Angel Somalo, confirma a posição espanhola, com uma prova mais rápida.

Tudo parecia indicar que o triunfo nos lagia, tanto mais que a égua ganhara na véspera, com um percurso semelhante, a prova «Omniou».

Entrou na pista, montando o «Magal», o capitão Correia Barrento, uma das esperanças nacionais. O cavalo, no entanto, era pouco veloz para bater o

ao mastro — de onde não mais desce!

Finalmente, a terceira. Esta obteve-a o capitão José Carvalhosa, na «Fossette», também em 1943.

Disputava-se a «Taça de Honra», a prova em que a conhecida égua anglo-árabe era adversário perigosíssimo.

«Barrages» sucessivas com o *opendish* cada vez mais alto. O plectro seria resolvido entre «Lequeitio», montado pelo espanhol Kirpatrick, «Raso», com Correia Barrento, e «Fossette», com Carvalhosa.

Vibrou-se extraordinariamente naquela tarde. As dimensões do obstáculo sabiam, mas os cavalos transpunham-no com elegância e destreza.

O «Raso» ficou a 1,85 m., mas a vara sabia para mais alto ainda. O espanhol e o português saltam 1,90 m. e nova «barrage» emocionou o público. «Lequeitio», vencido, derruba, e a «Fossette», muito bem conduzida, transpõe, com folga, 1,95 m., ganhando com imenso brilho a «Taça de Honra» daquele ano.

O desenrolar desta prova foi em tudo semelhante à do último concurso de Lisboa. Neste, em vez da «Fossette», era o «Peirol», em vez de Carvalhosa, Correia Barrento. A vitória é, porém, de hoje — não há necessidade de evocá-la.

Estas três vitórias, inesquecíveis pelo que tiveram de valoroso e emocionante, são subsídios magníficos para a história do hipismo nacional.

Relembra-las, como tantas e tantas outras, é-nos particularmente agradável.

assinem a STADIUM

ANTAS TEIXEIRA

Stadium

# 3.<sup>a</sup> JORNADA... ...JORNADA das Surpresas



**BENFICA - ESTORIL:**  
Mário Rui faz o 2.º golfe do Benfica



**SPORTING-ATLÉTICO:**  
Azevedo não consegue defender o «penalty» que deu a vitória do Atlético

**BENFICA-ESTORIL:** Curtosso atitudes de Francisco Ferreira e Mota, numa fase junto da grande área do Benfica. Jordão e A. Teixeira vigiam e esperam...



**BENFICA-ESTORIL:**  
Valongo segura com valentia um tiro... Feliz chegará tarde para impedir a defesa



**CUF-BELENENSES:**  
Eduardo Santos salta arosamente numa difícil defesa a sôco



**SPORTING-ATLÉTICO:**  
Nos últimos momentos do desafio, Azevedo foi obrigado ainda a esta difícil intervenção, na defesa de um «canto»



**CUF-BELENENSES:** Lançado aos pés Quaresma, Eduardo Santos consegue desviar para «canto» um remate perigoso

## ASPECTOS DOS JOGOS DE DOMINGO NO CAMPEONATO REGIONAL DO PORTO



**BOAVISTA-LEIXÕES:**  
Fase da luta viril entre a defesa do Boavista e ataque do Leixões



**F. C. PORTO-SALGUEIROS:** Os 5.º e 6.º golfe sofridos pelos angueiristas na sua copiosa derrota (respectivamente em baixo e em cima)

### ATLETISMO

#### Os juniores de 1945

**E** os juniores desta época que o atletismo portuense vai buscar (salvo qualquer excepcional revelação) o «sengue novo» para os seniores da temporada próxima. E diga-se que esse indispensável reforço pode fazer-se de maneira satisfatória, dentro de um ritmo que começa a ser normal, dado que alguns juniores se evidenciaram apreciavelmente. Isto é: a pouco e pouco, o nosso atletismo começa a ganhar a indispensável renovação de valores — completando especialidades onde alguns existem já e preenchendo outras onde se lutava com a sua falta.

Em velocidade, pura e prolongada, Arnaldo Garção, Tavares Fernandes, Costa Almeida, Bizarro e José Burney podem coler-se como futuros «estrelas» de seniores. Em meio-fundo e fundo, José Cortês, António Leitão, Leonel Silva, Couto e Melo e António Barros. Nos lançamentos — especialidade que nos parece bem servida — José Pinheiro Gonçalves, Nélson Gomes, Fernando César Ferrelle, José Madeira e Armando Albuquerque constituem um bloco esperançoso. Nos saltos, Garção e Bizarro Soares prometem emparcelar com Tamegão no comprimento; na vira, temos David Severino a substituir Arnaldo Borges e a procurar acompanhar Montalvão; no triplo, Pedro Pessoa e Bizarro; em altura, Maciel Dias, Moralo e Gonçalves.

Quere isto dizer que em todas as especialidades — absolutamente em todas — a categoria de seniores vai começar a sentir os benéficos efeitos da boa propaganda exercida pela A. P. A. e do excelente trabalho dos clubes. A pouco e pouco, o atletismo portuense vai conquistando a posição que merece.

No F. C. do Pôrto, sempre que os jogos de futebol o permitem, prosseguem os treinos de preparação de novos praticantes. Organizaram-se já alguns torneios, sempre muito concorridos.

Continua-se, portanto, a trabalhar pelo atletismo. Pena é que outros colectivismos não lhe sigam o exemplo...

O Vilanovense F. C. distribuiu os valiosos prémios do seu torneio, no decorrer de uma brilhante sessão solene, a que presidiu o sr. Mário de Carvalho, Ilustre delegado da Direcção Geral de Desportos, que pôs em foco a simpática iniciativa do valoroso clube galense.

Uma linda festa, com a qual a propaganda do atletismo muito teve a ganhar.

E. S.

### BASKETBALL

#### Prometedor começo da temporada...

**P**ARA abertura da época, tivemos um «torneio-relâmpago» em que participaram as quatro melhores equipas portuenses: F. C. do Pôrto, Vasco da Gama, Académico e Guifões.

Pelo valor das «pedras» em jogo, não foi de estranhar que o público acoresse em número elevado, cioso de «matar saudades» e de aquilatar das possibilidades das nossas mais categorizadas «turmas».

Terminados os encontros e feita uma análise sumária, tivemos a impressão de que o «basketball» portuense pode encaisar o futuro sem receio e que o próximo campeonato regional vai ser dos mais movimentados e renhidos. Qualquer das equipas que estiveram em acção mostrou possuir elementos com boas qualidades. Praticou-se a espaços jogo agradável e de bom conjunto, a afirmar as possibilidades dos grupos. Se em parte dos lances se verificou confusão e pouca certeza de «passos» e de «lançamentos», isto é compreensível num dealbar de época. Sabe-se que o «basketball» é essencialmente um jogo de precisão em todos os seus pormenores, e essa «precisão» não pode exigir-se logo nos primeiros jogos do ano.

Pareceu-nos também que existirá grande equilíbrio de valores — sobretudo entre as equipas que estiveram em luta. Isto quer dizer que o Vasco da Gama terá de vencer dificuldades para conservar o título de campeão regional — e quer dizer também que a modalidade progride.

Venceu merecidamente o torneio a equipa do Vasco da Gama. Igual às restantes na construção do jogo, esteve mais precisa nos lançamentos — e isso lhe bastou. Com um junior da época passada no ataque (Amadeu) e sem alguns titulares, os «vascatos» mostraram-se os mesmos de sempre, a honrar a sua magnífica escola, que tantos valores tem dado à modalidade, graças ao incansável esforço do nosso prezado camarada Alves Teixeira.

O Académico, por sua vez, apresentou-se com uma representação de merecimento e de bom futuro, na qual dois jovens — Folgado e Franqueira — deixaram a melhor impressão. Falta-lhe o conjunto, que só com treino persistente conseguirá.

Quanto à «turma» do F. C. do Pôrto, nota-se a falta de um condutor do ataque e de um bom lançador — problemas que devem ser resolvidos com a entrada de Camilo e com o natural progresso de Veiga 2.º, que promete. A equipa, que não tem tido orientação técnica à altura (porque não ocupa Lopes Martins o cargo?), possui «fundo» e elementos para se cotar. Basta limar certas arestas. Porque se insiste na inclusão de Romero? Os dirigentes do clube ainda não se convenceram de que perdem um bom atleta para obterem um mau jogador de «basket»?...

Do Guifões tivemos também lisonjeira impressão. Tem igual direito a aspirar a bons resultados. Arbitragens incertas, a acusar o início de época.

E. S.

#### Mosaicos nortenhos...

O BOAVISTA, que «revolucionou» o meio desportivo local com a sua estrondosa vitória sobre o F. C. do Pôrto, veio a perder dois preciosos pontos, contra o Salgueiros. Mais perigo para o actual campeão pode ter representado essa vitória dos «encarnados». Ou nos enganamos muito, ou o campeonato regional está este ano sujeito a forte surpresa...

♦ NÃO FORAM FELIZES os patrocinadores do Académico que se deslocaram para Lisboa, a fim de disputarem os campeonatos nacionais. O Benfica, forte neste género de provas, foi o grande vencedor. Dêmos tempo ao tempo. É tudo uma questão de trabalhar com persistência e boa vontade...

♦ ESCOLHIDO DEFINITIVAMENTE o sector das Antas para nele se instalar o futuro campo de jogos do F. C. do Pôrto, aguardam os desportistas afectos ao popular clube que não se perca tempo na arrumação deste «velho caso».

Para o próximo ano não pode servir o campo da Constituição, e, por isso, parece ser de acutelar urgentemente os interesses da prestigiosa colectividade.

♦ COSTA PEREIRA, segundo a opinião do simpático médio-centro do Leixões, Adão, é o melhor avançado-centro portuense. Opinião respeitável, claro. Vê-se que o Benfica, onde Costa Pereira jogava quasi sempre em 2.ª categoria, não pôde ou não soube aproveitar um bom elemento. Ou, então — que o nível do futebol portuense nem por sombras pode acamarar com o do futebol lisboeta — principalmente no «reinado» dos avançados-centros...

♦ O BOLETIM DO F. C. DO PÔRTO, dirigido por Silveira Assis, e tendo como editor Carlos Mesquita, dois entigos jogadores de 1.ª categoria do clube azul-branco, foi profusamente distribuído aos associados. Deve triunfar, indiscutivelmente. O importante clube

(Continua na página seguinte)

#### Ainda o «handball»...

**E**STEVE há dias nesta cidade, a fim de consultar com a Comissão Administrativa da A. H. do Pôrto e com os clubes, o presidente da Federação Portuguesa. Trocámos algumas impressões e ficámos com a certeza de estarmos em presença de um desportista de primeira água, de um homem que conhece profundamente os seus deveres desportivos.

Bem andou a F. P. H. em dar este passo. Demonstrou-nos, mais uma vez, que não lhe interessa prejudicar seja quem for, ao contrário de tanta opinião maldosa, ultimamente manifestada e defendida. Sabemos que vai ser remodelado o sistema de disputar o campeonato regional, para caberem o Leça, o Salgueiros e os clubes que alinharam com jogadores mal inscritos. Achamos bem.

A Federação Portuguesa de Handball, segundo o seu presidente, não fez questão fechada do assunto, apenas se importando com a ideia de orientar com imparcialidade o já popular «handball». Honra para a entidade máxima do excelente desporto. E satisfação para nós, que há muitos anos nos batemos pela sua expansão.

«Ceder até onde for possível» — foi a expressão do presidente da Federação. Por aqui se vê que tínhamos razão ao defender os seus nomes. O Pôrto merece o respeito dos dirigentes — nesta modalidade. E bom que isto não esqueça.

#### No Boavista Futebol Clube

prosseguem as sessões de propaganda desportiva

**A** acção altamente louvável que o Boavista está a exercer na propaganda do desporto, com a realização de um ciclo de conferências a cargo de dirigentes, atletas e jornalistas, tem sido o produto do esforço de um homem que se dedica ao clube com excepcional carinho.

É mais um dirigente que o Boavista apresenta com reais motivos para elogio, pois tem sido um verdadeiro desportista, em toda a acepção do termo. Referimo-nos a Fernando Moreira, espírito bem formado, que ao desporto está a dar o melhor do seu esforço, nortendo por um lema que admiramos. Todo o seu trabalho tem sido feito sem outros intentos que não sejam os de dar à casa desportiva o que ela cada vez mais precisa — propaganda!

Encontramo-nos no mesmo campo. E porque conhecemos as dificuldades que surgem a cada passo, especialmente quando a nossa acção não se destina a louvar o que é ou aquele ou a discutir os processos de agir de um ou outro, achamos

(Continua na página 15)

## De oito em oito dias

### Rádio-Desporto

Recomeçaram na passada sexta-feira as emissões de propaganda desportiva que o emissor portuense «ORSEC» põe no ar, naqueles dias, às 20 horas, em continuação do programa inaugurado na época finda. Essas emissões continuam o cargo de Mário Afonso, nosso redactor na capital do Norte, que prepara para este ano um programa especial de propaganda técnica.

Assim, «ORSEC» continua sendo o único emissor português que sai das vulgares radiodifusões de relatos de jogos, para efectuar a propaganda pura das diversas modalidades desportivas, a qual é indispensável para a vulgarização de umas e aperfeiçoamento técnico de outras.

### Arbitragens...

De vez em quando, árbitros de nome feito cometem os seus deslizes, o que pode causar confusão no espírito pouco esclarecido dos assistentes aos jogos de futebol.

Num dos encontros efectuados na 8.ª jornada do campeonato regional, depois de a bola ter transposto a linha lateral de um dos lados do rectângulo, e de o árbitro ter assinalado «bola fora», houve uma troca de «cumprimentos» entre dois jogadores, do que resultou a correspondente expulsão. O juiz do encontro mandou marcar castigo sobre o campo do infractor, quando a bola ainda não tinha sido reposta em jogo...

### O Boavista tropeçou...

A derrota do clube do Bessa, no campo do Salgueiros, no encontro entre «encarnados» e «axadrezados», veio cortar a embalgem desenvolvida pelo conjunto do Boavista, que viu, assim, desfeitas as ilusões que se estavam criando em volta de um decisivo retorno ofensivo da equipa da época sortis.

Isto só serve para provar que todas as cautelas são poucas e que não se deve confiar demasiadamente nas primeiras impressões. Para a gente do Bessa, que já exultava com os bons resultados obtidos pelos seus favoritos, este acontecimento deve ter causado alguns arrepios. No entanto, é cedo ainda para que se possa deixar de acreditar nas possibilidades do Boavista, como nas do Salgueiros ou nas do Leixões. Os três grupos mostram-se, pela maneira como os jogos se desenrolam, decididos a lutar porfiadamente pelo segundo posto da classificação. Mesmo estes resultados «tangenciais» entre uns e outros só servem para provar que semelhante é o seu poder construtivo. O que é preciso é que as linhas intermediárias—o ponto fraco nos três conjuntos—subam de nível e mostrem que estão por ali...

### Movimentação do basket...

Começaram já os primeiros jogos de «basketball».

Os campos estão já a animar-se e as falanges de admiradores não regateiam a sua presença, mostrando-se em número suficiente para bem emoldurarem os rectângulos.

O «basketball» é uma das paixões do público desportivo.

## AS NOSSAS INICIATIVAS

# Os vencedores dos torneios de Atletismo e de «Volleyball»

### que a «Stadium» organizou em favor do desporto portuense receberam os seus prémios

Foi simples e cerimonioso que a nossa revista efectuou na sede da Associação de Futebol do Pôrto, para distribuição dos prémios das últimas organizações da «campanha» prática que há dois anos desenvolvemos em favor do desporto portuense. Mas embora simples, teve a caracterizá-la, dando-lhe relevo invulgar, um ambiente de pura e franca confraternização desportiva.

Sem longos discursos e dispensando estafados «lugares comuns», mas, pelo contrário, usando-se da palavra para dizer apenas o que seria justo que se afirmasse, a nossa sessão solene teve a virtude de nos garantir que os propósitos da *Stadium* eram bem compreendidos — e reconhecidos. Satisfeitos — e à-vontade amigo e sociável proporcionado por todos os presentes e as palavras breves, mas sinceras e calorosas, com que o sr. Mário de Carvalho, Ilustre delegado da Direcção Geral de Desportos, honrou as nossas Iniciais. Estamos pois satisfeitos e agradecidos. A missão a que lho desinteressadamente nos voltamos está cumprida!

Presidiu à sessão solene o sr. Mário de Carvalho, em representação da Direcção Geral de Desportos, que teve à sua direita os srs. Orlando de Sousa, da Associação de Futebol do Pôrto, Eduardo Silva, da A. P. A., Júlio Silva, do F. C. do Pôrto, e o representante da secção desportiva do Centro Universitário do Pôrto; à sua esquerda, o nosso camarada Eduardo Soares, em representação da *Stadium*, e os srs. Augusto Nascimento, da Associação de Volleyball, António Costa, do Académico F. C., e Joaquim Moreira Jor., nosso camarada na imprensa de especialidade.

Falou em primeiro lugar o nosso camarada Eduardo Soares, que disse do agradecimento da *Stadium* para com o sr. Mário de Carvalho, que mais uma vez nos distinguiu com a sua presença e o seu aplauso a uma iniciativa nossa, e para com a direcção da Associação de Futebol, pela amabilidade com que cederá as suas instalações.

Afirmou o seguir o reconhecimento da nossa revista pela preciosa colaboração das Associações de Volleyball e de Atletismo e dos clubes que concorreram aos dois torneios.

Declarou que *Stadium*, ao pôr de pé mais duas organizações desportivas, não teve outro propósito que não fosse o de contribuir para o progresso do desporto nortenho, na prática de duas das mais salutares modalidades: o atletismo e o «volley». Esse objectivo foi conseguido, pois inaugurámos as épocas das referidas modalidades, movimentando algumas centenas de praticantes.

E a concluir: «Vamos agora agradecer os vencedores, sem esquecer um «muito obrigado» aos vencidos, pelo desportivismo que puseram nas lutas. Assim se encerra uma «campanha» em favor do desporto portuense, a que *Stadium*

se votou desinteressadamente e à qual, como redactor encarregado de «dar vida» a lão lão inicialiva, procurei imprimir o melhor ambiente e o mais benéfico resultado. Se o conseguí, porém, isso deve-se às inúmeras boas-vontades que de todos os lados surgiram, graças ao prestígio que a revista *Stadium* soube granjear no nosso meio».

As palavras do nosso camarada foram coroadas por uma quente manifestação de simpatia.

A seguir usou da palavra o sr. Júlio Silva, em nome do F. C. do Pôrto, de que é dirigente e que representava, para exaltar a magnífica obra da *Stadium* em benefício do desporto portuense. «Uma obra que se impõe como exemplo» — disse. Foi muito aplaudido pelo seu brilhante improviso.

Falou depois o nosso camarada Joaquim Moreira Jor. afirmou: «Não seria preciso vir aqui dizer-vos que as iniciais da simpática revista *Stadium* me merecem o melhor simpatia. O que delas tenho dito em «O Primeiro de Janeiro» é bastante elucidativo. Contudo, aproveito esta oportunidade para mais uma vez os exaltar, deixando aqui, ao mesmo tempo, as minhas felicitações pelo êxito que justamente alcançaram».

Ao terminar, depois de várias outras oportunas e criteriosas afirmações, ouviu fartos aplausos.

Procedeu-se em seguida à distribuição dos prémios, tarefa de que gentilmente quis incumbir-se o sr. Mário de Carvalho. A chamada dos atletas vencedores dos nossos torneios deu motivo a manifestações de simpatia.

Por último, e a encerrar a brilhante sessão, falou o sr. Mário de Carvalho. Palavras amigas, sinceras e altamente honrosas para o nosso revista, num improviso feliz e brilhante.

Depois de pôr em relevo as salutares iniciativas da *Stadium* — «uma publicação de projecção nacional» — que chegam até ao Pôrto e fazem sentir os seus agradáveis efeitos, teve palavras de simpatia para a acção impulsadora do nosso camarada Eduardo Soares, a quem a nossa revista deve muito — disse — o êxito dos seus bons propósitos.

«Peço-lhe, Eduardo Soares — afirmou e seguiu — que em nome do desporto portuense, das associações regionais e clubes, transmito à *Stadium* as minhas felicitações e os meus agradecimentos por tudo quanto de magnífico tem feito em seu favor!»

Vincou ainda o significado dos nomes que as peças distribuídas ostentavam, e teve palavras de realce para as figuras desportivas do dr. Salazar Correlra e de Roberto Machado. A fechar, proferiu judiciosas considerações sobre o desporto universitário, que muito gostosamente viu ali representado entre os premiados. As suas últimas palavras foram abafadas por espontâneos e vibrantes aplausos, como

## XADREZ

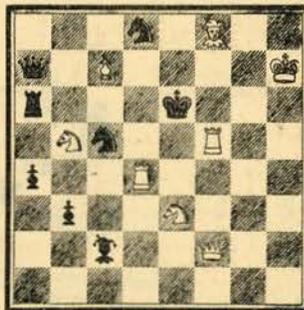
# OS NOSSOS CONCURSOS

de composição e solução de problemas

## PROBLEMA II

H. Weenink

Schuld Memorial Ty., 1922



1.º Premio Mate em dois lances

O problema que publicamos hoje, incluindo-o no concurso de soluções, versa e tema proposto no nosso concurso de composição, pelo que se verifica ter sido a idéia explorada anteriormente e por tratadistas de categoria, pois H. Weenink, o famoso compositor holandês, foi dos melhores problemistas da sua geração.

Trata-se de um notável exemplo das possibilidades deste tema, principalmente quando combinado com outras idéias estratégicas, como neste magnífica produção, que apresenta quatro bi-válvulas (aberturas e encerramentos simultâneos de linhas) com despregos brancos, duas deles com a promoção requerida no nosso concurso.

# MOSAICOS nortenhos...

(Continuação da página anterior)

necessitava do seu «Boletim», e não será demasiado arrôjo supor que possa muito breve sair com mais frequência durante o mês.

Os nossos desejos de longa vida.

♦ O VASCO DA GAMA principiou bem a época. Triunfou no «Torneio de Abertura» da Federação de Basketball, e a sua equipa demonstrou em absoluto que é e será a melhor durante a época. Estão sempre de parabéns as colectividades que trabalham. E o Vasco da Gama é uma delas.

# “Flecha” é a melhor bicicleta

corolário de uma oração a todos os filhos brilhantes.

Estava terminada mais uma etapa brilhante — digamo-lo sem jactâncias — das Iniciais da *Stadium*.

Antes de se retirar, o sr. Mário de Carvalho voltou a felicitar efusivamente o nosso camarada Eduardo Soares pelo êxito da missão que lhe foi confiada.

# A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



**INICIATIVAS DA «STADIUM»** — Na distribuição de prémios dos nossos torneios de atletismo e «volley», efectuados no Pôrto: 1 — O sr. Mário de Carvalho entrega a Augusto Vilela a taça «Dr. Salazar Correira», conquistada pela equipa de «volley» do F. C. Pôrto; 2 — José Cortes, do Académico, recebe a taça «Roberto Machado», ganha pelos atletas do seu clube. **PROVAS DE TIRO:** 3 — Os atiradores do Pôrto e de Lisboa, concorrentes às provas «António Montez», «Câmara Municipal do Pôrto» e «Clube Fluvial Portuense» — ganhas pelos lisboetas. **CAMPEONATOS NACIONAIS DE PATINAGEM:** 4 — As equipas do Benfica e do Académico do Pôrto que disputaram a prova de «15 minutos à americana», ganha pela primeira, que bateu o «record» nacional; 5 — Os concorrentes aos campeonatos. **NATAÇÃO:** 6 — Grupo dos nadadores que tomaram parte no festival da Federação, efectuados no domingo na piscina do S. A. D.



**RIBEIRA DE SANTARÉM:** — O grupo do Sporting Clube Ribeirense. Da esquerda para a direita: 1.º plano — Ribeiro, Jacinto, Alexandre, Costa, Rui, Emílio e Luciano; 2.º plano — Leite, Arnaldo, Pereira, Monteiro e José Luís.



**BELMONTE:** 2 — O «team» do Vitória F. C. de Belmonte. Da esquerda para a direita: 1.º plano — Fernando, Carreira, Sousa (capitão), Pombo e Fazeiteiro; 2.º plano — Firmino (treinador), Carrola, Silveira, Amarante, Mendes, Rosário e Rebêlo.

**BEIRA (Moçambique):** 3 — A categoria de honra do Sport Lisboa e Beira, que conquistou os campeonatos locais de 1944 e 1945. Da esquerda para a direita: 1.º plano — Negrier, Lemos, Costa Campos, Paraskeva, Coelho, J. Medeiros e M. Medeiros. 2.º plano — Ventura, Cunha, Pessoa, Costa (capitão), dr. Carlos Máximo de Figueiredo, presidente da direcção, João Correia, presidente do conselho técnico, S. Silva, Deniz, Borges e Zina Queriol.



**NANDUFE:** 4 — O «onze» do Sporting Clube de Nandufe, fundado há vinte anos e filial n.º 17 do Sporting Clube de Portugal.

**MANGUALDE:** 5 — A equipa do Grupo Desportivo de Mangualde, que se tem distinguido como das melhores na sua região. Da esquerda para a direita: 1.º plano — Fânico, Eurico, Tombado, Felisberto, Albano e Faro; 2.º plano — Mickey, Afonso, Adelino, Custódio e Santos.



**POVOA DE VARZIM:** 6 — A equipa do Varzim F. C. Da esquerda para a direita: 1.º plano — Marques, Malgueira, José Augusto, Assunção e Pereira; 2.º plano — Pinheiro, Filipe, Eduardo, José Maria, Meireles e Graça.



# JORGE PEREIRA

inteligentemente ajudado pelos seus companheiros de equipa  
sanhou com merecimento a «I Prova L. R. S.»

**P**OSTA de parte a ideia de ser disputada em duas etapas, porque não foi possível aproveitar a oferta de um grupo de desportistas do Bombaral, que queriam o adiamento da competição para mais tarde, disputou-se afinal no domingo a anunciada «I Prova L. R. S.», corrida destinada a estradistas independentes, que a casa Luis Rocha dos Santos pôs de pé, como princípio para novos empreendimentos, e *Stadium* gostosamente patrocinou, estimulando assim todos os que pretendem fazer algo em benefício da velocipédia.

Apesar de não haver nesta prova prémios ou classificações colectivas, há que assinalar uma primeira metade de corrida excelente, durante a qual se lutou com brio pouco vulgar e se verificou entendimento, entre homens do mesmo clube, digno de ser assinalado.

Vendo três sportinguistas — Rebelo, Inácio e António Maria — a contos com pequenas avarias, os «iluminantes» Rocha, Guilherme Jacinto e Eduardo Lopes cedo se embrenharam num ataque cerrado, para distanciar os adversários — e de tal maneira o fizeram que no final da primeira hora de prova tinham percorrido 38 quilómetros.

A não ser os homens do Lisgás, em dia de má «carburação», toda a gente agüentou a marcha imposta pelos azuis e brancos. Todavia, Rebelo chegou a Tórrres com 2 m. de atraso, Inácio desistia por ver que lhe era impossível «recolar», e António Maria, que durante largo tempo «rebocou» Tavares da Silva e Aristides Paulo, também abandonou depois de queda aparatosa.

Tentou Jorge Pereira, antes de Tórrres, uma fuga aparentemente inofensiva. Aristides Martins, que estava atento, como lhe é peculiar, a todas as manobras, foi todavia na roda do «iluminante». Os pupilos de Piedade, como tinham à frente um homem rápido, capaz de vencer, não reagiram, e os sportinguistas, porque aguardavam a «recolagem» de Rebelo, também não quiseram ir no encalço dos fugitivos — embora a boa lógica indicasse que o deviam fazer, pois Aristides normalmente é vencido por Pereira.

Deste modo, a sorte da corrida ficou jogada a partir do Turcifal, já no regresso, onde o «duo» da frente passou com a vantagem de 5 m. sobre um pelotão de «conformados». Jorge Pereira, chegado a Carriche, agüentou facilmente um ataque de Aristides, que pretendeu esgueirar-se antes da embalagem final, e depois na pista venceu facilmente o seu companheiro de fuga.

Dada, depois, a facilidade com que Eduardo Lopes dispôs de todos os adversários que com ele chegaram à meta, incluindo Lourenço, a vitória teria de pertencer à Iluminante, porque os seus homens estiveram, de facto, superiores. Há todavia que assinalar a boa corrida de Rebelo — durante 60 quilómetros a perseguir iso-

lado; a feliz reparação de Mourão; a perseverança com que correram Tavares da Silva e Aristides Paulo; e o belo porte de conjunto tido pelos «alenquerenses» Gaspar Paulo e Manuel Pereira, que nunca cederam e mostraram ser elementos com quem tem de se contar na próxima prova de Alenquer. Também Quadros mostrou melhoria de «forma».

Boa colaboração de todos os clubes inscritos — Sporting, Iluminante, Lisgás e S. L. e Alenquer, a tentarem suprir pequenas falhas de organização.

GIL MOREIRA

## A II PROVA FLECHA

começa no próximo domingo  
com as estradas Lisboa-Sintra  
e Sintra-Lisboa

**D**ANDO seqüência ao trabalho encetado em 1944, no sentido de intensificar o recrutamento de novos adeptos para a velocipédia, *Stadium* promove no domingo e na segunda-feira, em colaboração com o «Stand» Flecha, a «I Prova de Iniciação Flecha», a magnífica corrida em etapas, reservada a iniciados, que a época transacta constituiu uma das melhores competições para principiantes.

Tal como em 1944, os prémios são valiosos: uma bicicleta «Flecha» para o vencedor absoluto da prova; quadros rodas e inúmeros acessórios para os restantes corredores; medalhas para os primeiros das etapas e o pagamento da deslocação e estadia em Lisboa para os primeiros três da classificação geral quando os concorrentes forem da província.

São de molde, portanto, as características da «Prova Flecha», a tentarem a inscrição dos «novos» que pretendem revelar-se, justificando-se assim que sejam inúmeros os corredores da província a disputar tão interessante competição. Além dos melhores elementos da capital, em representação do Benfica, Sangalhos, Sporting, Apolo, Iluminante e outras colectividades, estarão presentes corredores dos distritos de Setúbal, Santarém, Leiria, Faro e outros pontos do País.

A concentração para a primeira etapa — Lisboa-Sintra — é feita no largo do Intendente, às 9 horas, seguindo os corredores em «passeio» até à avenida da Índia, onde lhes será dada a partida. A chegada a Sintra está localizada um pouco antes da Câmara Municipal.

Principia a segunda etapa às 16-30, regressando os corredores a Lisboa, por Lourel, Algueirão, Belas e Caneças. Chegada: Campo 28 de Maio, de frente da esquadra.

Percurso da terceira etapa, a disputar na segunda-feira: Largo do Intendente, Campo 28 de Maio (partida oficial), Loures, Malveira e Tórrres-Vedras. Concentração às 9 horas.

A quarta tirada principia às 16-30, em Tórrres, e termina também no Campo 28 de Maio, depois dos

## Os campeonatos nacionais tiveram interesse escasso

**O** recinto de patinagem da avenida de Gomes Pereira, em Benfica, mais uma vez foi teatro de uma organização de género: os campeonatos nacionais de corridas.

Desde que se tratava de competição a interessar o País inteiro, era natural o aparecimento de praticantes em número considerável. Mas, para não fugir à regra, assistiu-se, passe o termo, a um torneio entre sócios do Benfica.

Isto, francamente, é desolador no aspecto importantíssimo da propaganda desportiva: um campeonato nacional, em três categorias, que podia comportar provas de interesse, bem disputadas, redundar em torneio «exclusivo», é na realidade pouco abonatório do desenvolvimento — cada vez

## CAMPEONATO DE LISBOA

(Continuação da página 2)

era tida como coisa certa. A linha atacante, no seu habitual estilo de toques e malabarismos, funcionava muito bem, pecando sómente no capítulo do remate. De resto, todas as vezes que a bola chegou às balizas encontrou um verdadeiro guarda-rédes. Eduardo Santos parece estar disposto a brilhar de novo.

O Belenenses funcionava como um bloco. No seu adversário viam-se falhas. Todavia, à medida que o jogo decorria, por um fenómeno natural, e apesar de tudo, o *team* da Caf, não se vendo batido, ia-se aperfeiçoando na própria luta, compreendendo que a sorte do jogo estava a proporcionar-lhe um momento que podia ser aproveitado com êxito.

A Caf melhora sensivelmente. Sofrendo uma bola — teve forças para o empate. Ainda para mais: para insistir na luta em termos do Belenenses passar um período do fim verdadeiramente aflito. São assim os jogos de futebó!

corredores passarem em Runa, Dois Portos, Venda do Pinheiro e Loures.

A inscrição dos concorrentes e dos carros de apoio, que é grátis, é admitida até sexta-feira, na sede da Associação de Ciclismo.

### Uma prova velocipédica entre empregados de «A Iluminante»

Os empregados das dez secções de «A Iluminante» promoveram uma prova velocipédica de 16 quilómetros, com partida e chegada no Campo Grande. Verificaram-se os seguintes resultados: 1.º Espírito Santo (Bicicletas); 2.º José Costa (Transportes); 3.º Vasco (Propaganda); 4.º M. Neves (Embalagens). Classificaram-se mais dez concorrentes. A secção de desportistas pertenceu o triunfo por equipas.

Reuniram-se depois todos os empregados num almoço de confraternização, durante o qual se distribuíram os prémios postos em disputa.

maior — da patinagem portuguesa, tanto mais que a modalidade (referência, por analogia, ao «hockey» em patins) tem categoria internacional, como plenamente ficou demonstrado com a recente visita dos saíços de Montreux.

Aligara-se-nos que a orientação seguida não é a mais firme; e sendo certo que o Benfica, neste particular, tem «remado contra a maré», ocorre perguntar qual a actividade dos outros clubes...

Não falemos do Pôrto — que a vinda a Lisboa de um ou mais atletas, em estadia obrigatória de quatro a cinco dias, é dispendiosa e sem retribuição aparente, porque a patinagem é um desporto puramente amador — mas sim dos clubes lisboenses.

Este «problema», já antigo, merece ponderar-se e ser analisado convenientemente. A Federação deve olhá-lo de frente e cuidar a sério de o resolver; tem, agora, mais acuidade que nunca, e não é, em nosso entender, insolúvel ou sequer de difícil resolução.

Bastava, atendendo à circunstância do «hockey» português ter creveira internacional da melhor e da patinagem ser a base daquela modalidade, que a Federação obrigasse os clubes seus filiados, concorrentes a campeonatos de «hockey», a inscreverem nos torneios oficiais de corridas em patins um atleta, pelo menos, por categoria, ou mesmo uma equipa completa. Talvez assim se manifestasse mais interesse.

Que dizer destes campeonatos nacionais de corridas? Tecnicamente — nada; não se verificaram progressos individuais e, regra geral, ganharam os favoritos — tanto que na lista de campeões não figura um nome novo. Tudo «gente conhecida», e, no aparo de resultados, apenas um «record» absoluto.

Os quatro concorrentes do Pôrto, em representação do Académico, constituindo equipa em provas de seniores, nada revelaram de positivo acerca do valor que lhes conhecíamos. Viana, Brito e os irmãos Tamegões, foram apenas discretos, desportistas e batalhadores, lutando com entusiasmo contra atletas mais adestrados, e os irmãos Venturas, Reya, Oliveira e Miguelis mostraram novamente as suas faculdades de campeões.

Na generalidade, estes torneios — incluindo os de juniores e de principiantes — nada mais foram que uma repetição dos campeonatos regionais do sul.

Fique uma consoladora certeza: o Benfica mantém-se na primeira fila, ineteratamente, com persistência louvável, lutando por que a patinagem não perca seu ritmo. E merece louvores a presença do Académico — um clube que trabalha e há-de vir a colher louros de tal perseverança.

JORGE MONTEIRO

## GAZETILHA

### REMINISCÊNCIAS DA GUERRA

Passou-se no lumiar  
a cena que vou contar:

Diz o Vasco, prazenteiro,  
ao Albano, dos «leões»:  
— Eu faço de bombardeiro,  
brinquemos aos aviões!

Tu és o caça «Mosquito»  
e, como se fez na guerra,  
vê se me pões afilto,  
se aflies comigo a terra!

Começou logo o folgado  
que nada leve de humano,  
porque da doença médo  
nunca enfermou o Albano.

E ao ataque, de rajada,  
se athrow o frágil «caça»...  
pra levar uma «pilada»  
que lhe amolgou a carcaça.

Um quarto de hora baslou  
p'ró «caça» se recompor  
e logo à liça voltou,  
decidido e sem temor.

Mas o outro—qual corsário—  
suportou bem o derrote  
e derrubou o contrário...  
com um tiro de «barrote»!

Deixem-me agora falar  
da moral que o conto encerra:  
É que nem mesmo a brincar  
é tolerável o guerra!

SALPICO



# Stadium da Província

## NOTAS E NOVIDADES

**ALENQUER**— Os desportistas desta vila gostam do ciclismo. Assim, o S. L. e Alenquer promove no dia 28 o «1 Circuito do Ribatejo, em duas etapas», a saber: Lisboa (Arieiro), Alhandra, Vila Franca, Carregado, Azambuja, Aveiras de Cima, Alcoentre, Cercal, Ota, Alenquer — 100 quilómetros; e Alenquer, Merceana, Atalaia, Olhalva, Alenquer, com 3 voltas à vila — 70 quilómetros.

**CELORICO DE BASTO**— Foram eleitos os corpos gerentes do Clube Desportivo Celoricense, que ficaram assim constituídos: **Assembleia geral** — dr. António Marinho Dias, Fernando Augusto Ferreira e Albano Carvalho. **Direcção** — António Teixeira Novais, Manuel Alves Monteiro, Manuel Maria de Sousa Machado, José Cândido Ribeiro da Silva, António Alves Ribeiro, Arnaldo António Alves Monteiro e José Maria de Sousa Machado. **Conselho fiscal** — José Luís Ferreira Machado, Eduardo de Azevedo e Afonso Teixeira.

**SETÚBAL**— Desta vez revestiu-se do necessário brilhantismo o festival de natação promovido pelo Clube Naval Setubalense. Triunfaram: 50 metros bruços, meninas, infantis; Maria Manuela da Costa Garcia; 50 metros estilo livre, rapazes: Lomelino Gil; 50 metros, bruços, rapazes: Custódio Pinto; 50 metros, costas, rapazes: Lomelino Gil; 50 metros, bruços, meninas: Maria de Lourdes; 400 metros, livres, homens: Mário Pescaria; estafeta 3x50, estilos: Lomelino Gil, Brás Mansinho e Jorge Raposo; Estafetas livres, 3x50—Lomelino Gil, Custódio Pinto e Brás Mansinho.

**SINTRA**— O aniversário do Sport União Sintrense foi entusiasticamente comemorado. Efetuou-se uma sessão solene na Tuna de Sintra, durante a qual fez uma conferência o sr. Mário Travassos Valdez. Falaram ainda os srs. Rodrigo Faria, em nome da direcção do Clube, Alberto Tota, Ernesto Nobre e Mário Santos, conhecidos influentes desportivos desta vila.

**TOMAR**— Por via dos seus afazeres profissionais, fixou residência nesta cidade o conhecido desportista Artur Baeta, que já treinou o Barreirense, o Sporting da Covilhã e o Torres Vedras. Artur Baeta aceitou o convite para treinar também o União de Tomar e este facto foi muito apreciado pelos desportistas locais. Artur Baeta, como se sabe, tem dado excelentes provas nas colectividades por onde tem passado. Trata-se, além disso, de um perfeito cavalleiro.

**TONDELA**— O Desportivo, que este ano possui equipa capaz de brilhar no campeonato de Viseu, precisa de ser ajudado pelos naturais desta vila, já que isso não tem acontecido por parte das entidades oficiais.

Verifica-se um movimento simpaticante, nesse sentido, que oxalá vá por diante.

**VALE DE SANTAREM**— O «team» de honra do Grupo Des-

## NA VILA E NA ALDEIA

«são necessários todos os auxílios»

**T**EMO-NOS interessado sempre pela actividade dos clubes e dos desportistas da província. A nossa revista, alheia a questões pessoais ou regionalistas, criada com o propósito firme de pugnar pela expansão dos desportos em todos os sectores, do Norte a Sul, sempre que isso lhe é possível, aponta uma idéa, salienta um facto, descobre uma atitude, digna, desportiva, — e faz-se eco da vontade da província, ou, melhor, das necessidades mais urgentes dos pequenos centros regionais.

E porquê? Porque lhe conhecemos as necessidades. Porque na província existem clubes disciplinados, esforçadíssimos. Porque, muitos deles, a despeito do seu extraordinário labor — não possuem sequer uma bola capaz para jogos oficiais!

Podem perguntar-nos: «E há remédio para isso?—Há de haver, com certeza. É uma questão de boa vontade... Ao Governo da

Nação, para não falar dos organismos superiores do desporto, aparece agora a oportunidade magnífica de cuidar das aspirações de muitos clubes que têm procurado engrandecer Portugal. Satisfazer pedidos, clube por clube, concelho por concelho? Nem tanto. Mas, pelo menos, ajudar aqueles que trabalham e procuram cumprir com os seus deveres.

A idéa do desporto, tão nobre, tanto na alma do publico,— que da província desce até Lisboa ou sobe até o Pôrto — exclui sempre o propósito de vexar, em consciência, este ou aquele, uma ou outra organização. Por isso, desde que se queira olhar por tudo quanto interesse aos pequenos aglomerados,— ficará lisonjeada a nossa revista, a quem só interessa, diga-se com prazer, o bem estar e a expansão do desporto, nas cidades como na mais modesta das aldeias.

## BASKETBALL

### A abertura da época em Lisboa, Pôrto e Coimbra

«basketball» está em movimento — principalmente nas cidades de Lisboa, Pôrto e Coimbra.

A Federação Portuguesa promoveu «torneios-relâmpagos» nos três centros acima indicados e, pelo trabalho de cada um dos concorrentes, pôde verificar-se que a classe revelada por eles no fim da época não sofreu grandes «estrágos». As principais equipas — o Belenenses, em Lisboa, o Sport, em Coimbra, e o Vasco da Gama, no Pôrto — ganharam os «torneios». E muito justamente.

Na capital do Norte, o Vasco da Gama eliminou o F. C. do Pôrto, primeiro, e o Académico, na final. O Guifões, por sua vez, foi derrotado pelo finalista do «torneio».

Em Lisboa, o Belenenses derrotou o Algués e o Grupo Desportivo da «Cuf», este no jogo decisivo. Os rapazes do Benfica foram vencidos pelos cufistas e não conseguiram, por isso, classificar-se para o jogo «final».

Na cidade de Coimbra, o Sport dominou inteiramente. A equipa da Académica não pôde ganhar vantagem, e o Olivais, ainda assim,

revelou-se capaz de incomodar os campeões.

Em grossa moda, como decorreu o «Torneio de Abertura». Agora — vão falar as Associações. Os campeonatos regionais têm já as suas datas marcadas e tudo se prepara para que sejam disputados com o costumeado brilhantismo. Dada a maneira como decorreu o «Torneio de Abertura» — deve aguardar-se a superioridade dos «grandes» do ano findo. Mas, às vezes, também pode não suceder assim. Veremos isso brevemente...

O «Torneio do Carnide», homenagem ao popular agrupamento lisboeta, principiou no Pôrto com os jogos Vasco da Gama-Académico e F. C. do Pôrto-Guifões. Os vascaínos ganharam com muita dificuldade por 31-30, enquanto o F. C. do Pôrto derrotou o Guifões por 59-27 — resultado deveras expressivo.

Ano III — II Série — N.º 150  
Lisboa, 17 de Outubro de 1945

## Stadium

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor:  
Dr. GUILHERMINO DE MATOS  
Propriedade da  
Sociedade de Revistas Gráficas, Lda.

Redacção e Administração  
T. Cidadão João Gonçalves, 19, 5.º  
Telefone 51146 — LISBOA  
Execução gráfica de  
NEOGRAVURA, LDA. — LISBOA

Stadium

**CICLISMO**  
**A "PROVA L. R. S."**  
 DISPUTADA NO DOMINGO  
 COM O PATROCINIO DA  
 NOSSA REVISTA



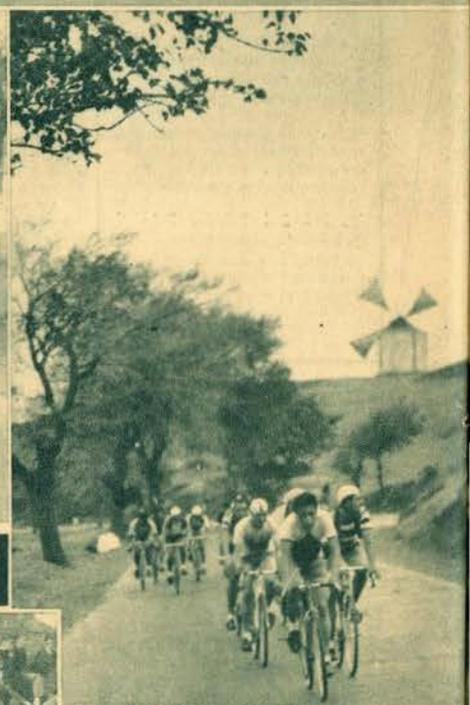
A largada da Calçada de Carriche



Jorge Pereira,  
 vencedor da  
 prova



O pelotão da frente foge a João Rebêlo  
 quando da avaria sofrida por este



Uma fase da corrida, no  
 caminho para Lisboa

**CAMPEONATOS INTERNACIONAIS DE TENNIS**



Y. Petra, o vencedor



Cochet, das figuras mais  
 salientes do campeonato



Romanoni, numa  
 das suas clássicas  
 atitudes



**GIL**  
**OCULISTA**

FUNDADA EM 1866  
 Depositária das lentes "ZEISS"  
 Binóculos, Termómetros  
 Bússolas de marcha, etc.  
 Aparelhos de Precisão  
 138, RUA DA PRATA, 140  
 Telefone 22829 LISBOA